

ágora

Missão

Ágora é uma revista estudantil criada na FGV Direito Rio. Fundada em 2014, sua missão é criar um espaço fértil para novos pensadores e novas ideias. Queremos desmistificar o conhecimento no ambiente universitário, eliminando o formalismo desnecessário e democratizando o poder de expressão.

Vimos para preencher o vácuo da ausência de um meio de comunicação sério e ao mesmo tempo acessível, feito por e para quem quer saber e fazer mais.

Ágora: quem lê, faz.

Expediente

Saulo Rocha

Editor-chefe

Mariana Plácido

Diretora executiva

Equipe

Ana Clara Jansen, Ana Mazzei, Beatriz Vergette, Catarina Pereira, Daniel Rocha, Gabriel Rogenfisch Quintans, Isabella Marins, Julia Martel, Mariana Plácido, Maria Clara Feldmann, Saulo Rocha e Tayne Miranda.

Colaboraram com este número

Anna Clara Fonseca, Daniel Rocha, Diana Rebelo Rodriguez, Fernanda Legey de Siqueira Brandão, Isabella Marins, Mariana Plácido, Pedro Henrique Ache, Pedro Wohlcke Thiengo, Pietra Monteiro Fleig, Saulo Rocha, Sérgio Costa, Victor Caldas e Vitória Regina Barros.

Ficha técnica e licenciamento

Ilustrador

Jona

Designer Gráfico

Gisele Eiras

Projeto Gráfico

Gisele Eiras, Clara Barros e Waldo Ramalho

Patrocínio

FGV DIREITO RIO

Os textos desta obra são publicados através de uma licença

Creative Commons BY-NC-SA 3.0

Assim, você tem o direito de Compartilhar e Adaptar este material, de acordo com os termos da seguinte licença jurídica:
creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcode

ISSN 2447-2662



Edição 16 | Novembro 19

Índice

05

Antes arte do que nunca

07

Chico

08

Carta aberta à Solidão

10

Carta de São Pedro à gente mesquinha do prédio de vidro

11

Irentharamar

12

Entre idas e vindas tentando me purificar do que a gente já foi um dia

16

Meu primeiro relacionamento tóxico

17

Do Rock ao Rap: uma mudança de pensamento político e social nas décadas de 1980 e 1990

20

Almerinda Farias Gama e Carlota Pereira de Queirós: a participação feminina nos espaços de poder

22

Prevenção para todos ou para um?

25

Brasil, um presidencialismo multipartidário, ingovernável e descentralizado

29

Bacurau: se for, vá na paz...

Para colaborar com a Ágora é simples!

Acesse o nosso site para ler o guia e envie sua colaboração para agorafgv@gmail.com

 www.revistagora.com

 [@revistagora](https://www.instagram.com/revistagora)

 [facebook.com/revistaagorafgv](https://www.facebook.com/revistaagorafgv)

 [@revistagora](https://www.twitter.com/revistagora)

ARTISTA DESTA EDIÇÃO

Jônatas Moreira, 20 anos, artista visual. Nascido e Criado em Duque de Caxias - RJ, sempre foi apaixonado por ilustração e desenho desde criança. Nunca desistiu do sonho de se tornar um artista e agora está no 1º período de Pintura na UFRJ. Ama cores primárias e sorvete de flocos. Gosta de sair pros museus do Centro pra ver quais são as novas exposições que estão rolando. Trabalha tanto com arte tradicional quanto arte digital. Respira arte, uma das poucas coisas que não perderam o sentido pra ele.



**Confira mais de seu trabalho no Instagram:
[@jonatxs.art](#)**

Lembrando que para a Revista Ágora as ilustrações são tão importantes quanto os textos! Cada edição é ilustrada por um único artista, transformando a revista em uma galeria. Por consequência, as ilustrações não são necessariamente relacionadas aos artigos, mas obras de artes por si só. Aproveite!



Editorial

Caros leitores,

Depois de dois anos, finalmente chegou a minha vez de escrever aqui. Desde que entrei na Ágora, lembro que a tarefa de escrever o Editorial sempre ficava esquecida, e acabava sendo feita de última hora no processo de edição. De um tempo pra cá, aqueles que estavam saindo da Equipe passaram a usar esse espaço como uma forma de se despedir.

Como algumas coisas nunca mudam, esse Editorial também está sendo feito na prorrogação do segundo tempo. Mas, dessa vez, não foi por conta do esquecimento, mas porque essa despedida foi evitada ao máximo.

Durante esses anos, a ideia de um Editorial dispositivo também mudou. Passamos a assinar nossos nomes ao final de todos eles, e, da mesma forma, esse espaço foi se tornando mais pessoal. Contudo, até hoje, ninguém foi tão longe como eu irei. Antes de convidá-los aos textos desta 16ª Edição, preciso falar de algumas pessoas.

Quando me tornei Editora-chefe, não fazia ideia do que me esperava, mas tinha certeza de que nunca seria como Sofia. Com a minha predecessora, aprendi a ouvir de outra forma. A entender que o inferno não são os outros. E todo esse processo foi muito mais fácil estando do lado de duas das mulheres mais incríveis que já conheci. Vergette e Marins, sou muito grata de ter vocês. Estarmos juntas nessas oito edições foi uma das melhores coisas do mundo. Outra delas foram os encontros que a Revista me proporcionou. Se não fosse pela Ágora, não seria amiga da economista mais artista de todos os tempos, Aparício. À Equipe atual, peço, com a maior calma do mundo, que vocês deem

continuidade a toda nossa história. Tenho certeza de que tudo dará certo, e sempre estarei aqui para ajudar. Temos textos vindos do Distrito Federal, do dia 03 do Rock in Rio, dos corredores do oitavo andar. Que falam sobre amor próprio, despedidas dolorosas e feminismo. Ao lado de todas essas palavras, oferecemos também ilustrações únicas, que vocês nunca viram.

Tudo isso para proporcionar a vocês, leitores, alguma sensação. Pode ser de empatia, raiva, aflição, alegria. Seja como for, nossa maior felicidade é ver vocês comentando sobre nós. Sobre o texto tal que fala a maior asneira do mundo, de como fulaninho estava tresloucado no lançamento, do primeiro poema da edição que é tão lindo.

Sem vocês, não teríamos propósito algum.

Obrigada por tudo,

Ana Jansen





Antes arte do que nunca

Coração Soldado

*Meu coração se entrincheirou
De início era proteção
das decepções, mentiras
Mas foi cavando, cavando
Afundava sem saber porquê,
quase em reflexo do prazer
A trincheira virou poço
Depósito de sentimento
Quando a proteção virou tormento?
Faz sentido sentir falta da dor?
Olhou pra cima e viu pequenino
o buraquinho dando pro céu
À espera do resgate do amor*

Por Daniel Rocha
Estudante do 6º período de Economia na
Fundação Getulio Vargas



Sertões Modernos

*Secura
Desértico
O rosto embrutecido
A dor em cru tecido
Palavras áridas e almas xerófitas
Açudes de egoísmo
E poços de brutalidade
Mina a água dura e mineralizada
Das expressões forçadas
Dos sorrisos rachados
Dos corações retirantes
Hesitantes, secos
De percorrer as grandes veredas
As vidas se tornaram secas
Escassas
Sedentas
Por toda a vida a estiagem
Não de água, mas de gestos
Não de chuvas, mas de gente
Não de rios, mas de pontes
Já sabia o João-Congo
Que cantava esse dilema
Um São Francisco de indiferença
Que jamais será transposto
Infértil
Improdutivo
Há de ser da estação
O rigor de um verão desses
Quem sabe por lá não chove
Onde matam pela cor*

*Onde é pecado ser amado
Onde é traição o bem-querer
Onde a sanfona soa falsa
E o couro é sintético
Miséria
Desumana
Ah... que agonia!
Dessa gente que não sente
Dessa canção emudecida
Dessa Caatinga displicente
Do samaritano indiferente
Da modernidade líquida
Basta de gente seca!
Quem me dera se um dia
A prece é atendida e vem
Desce a serra a enxurrada
Inunda o mundo de uma vez
Põe fim à estiagem
Dos sertões
Que nos separam.*

Por Pedro Wöhlcke Thiengo
Estudante do 2º período de Direito na Fundação
Getúlio Vargas



Chico

Por Isabella Marins

Na época, eu tinha 8 anos. Era o mais velho de cinco irmãos. Apesar da pouca idade, lembro desse dia como se fosse ontem. Eu sempre levantava antes de todos. Não sei muito bem o porquê. Acho que sempre preferi as manhãs e isso perdura até hoje em dia. Deviam ser 7 horas. Normalmente, meus pais estariam dormindo. Meus irmãos e minha irmã estariam deitados. Fui, inicialmente, até a sala, para ligar a TV e assistir meus desenhos, como geralmente fazia. Contudo, escutei um barulho vindo do escritório da minha mãe. Era música. Acompanhei o som, a porta estava levemente aberta. Empurrei-a com cuidado. A situação era incomum.

Mamãe não estava bem tinha um tempo. Depois que Nico nasceu, ela passou a agir de uma forma estranha. Chorava descontroladamente, sem motivo aparente, quando estávamos em um restaurante. Não ia mais ao trabalho. Pintava quadros perturbadores. Emagreceu. Não beijava mais papai. Gritava sozinha, todas as noites, na hora de dormir.

Antes, brincavam que era ela o sol da família. O centro de tudo. Preparava o café, conversava conosco em francês no caminho para a escola.



Ia à praia todos os finais de semana. Ensaiaava para os blocos e já pensava nas fantasias de carnaval (sua maior paixão) do próximo ano. Cantarolava Chico Buarque por todos os cantos da casa, enfatizando sempre que é daí que vem meu nome.

Por ser o mais velho, acompanhei muita coisa. Já estava lá quando todos os meus irmãos nasceram. Observava o amor de cinema dos meus pais, ainda que com um certo nojo típico de filhos perante demonstrações de afeto. Mesmo não entendendo muito, por ser pequeno, via o brilho nos olhos dela quando tinha um artigo publicado. Mamãe era doutora, professora, pesquisadora, advogada, amiga, irmã, filha, esposa, saxofonista, pintora, escritora. Tudo isso sumiu, de um dia para o outro. A luz se apagou.

Nada poderia ter me preparado para o que aconteceu. Quando entrei no escritório, com a caixa de som tocando MPB, parecia que ela dormia, estirada em sua poltrona, na qual sentei tantas vezes em seu colo enquanto ela trabalhava. De certa forma, pode-se afirmar que era isso. Até hoje, não há desejo maior meu de que fosse. Era um sono profundo, tão profundo que ela nunca mais acordou.

Inúmeros eufemismos foram utilizados para tentar nos explicar o que tinha ocorrido. Comentavam sobre, por saber que, na época, eu não entendia: overdose e depressão pós-parto. Agora, crescido, quando alguém fala algo a respeito, digo o que realmente se sucedeu: “Suicídio. Minha mãe se matou”.

Por Isabella Marins
Estudante do 6º período de Direito na
Fundação Getúlio Vargas



Carta aberta à Solidão

Por Saulo Rocha

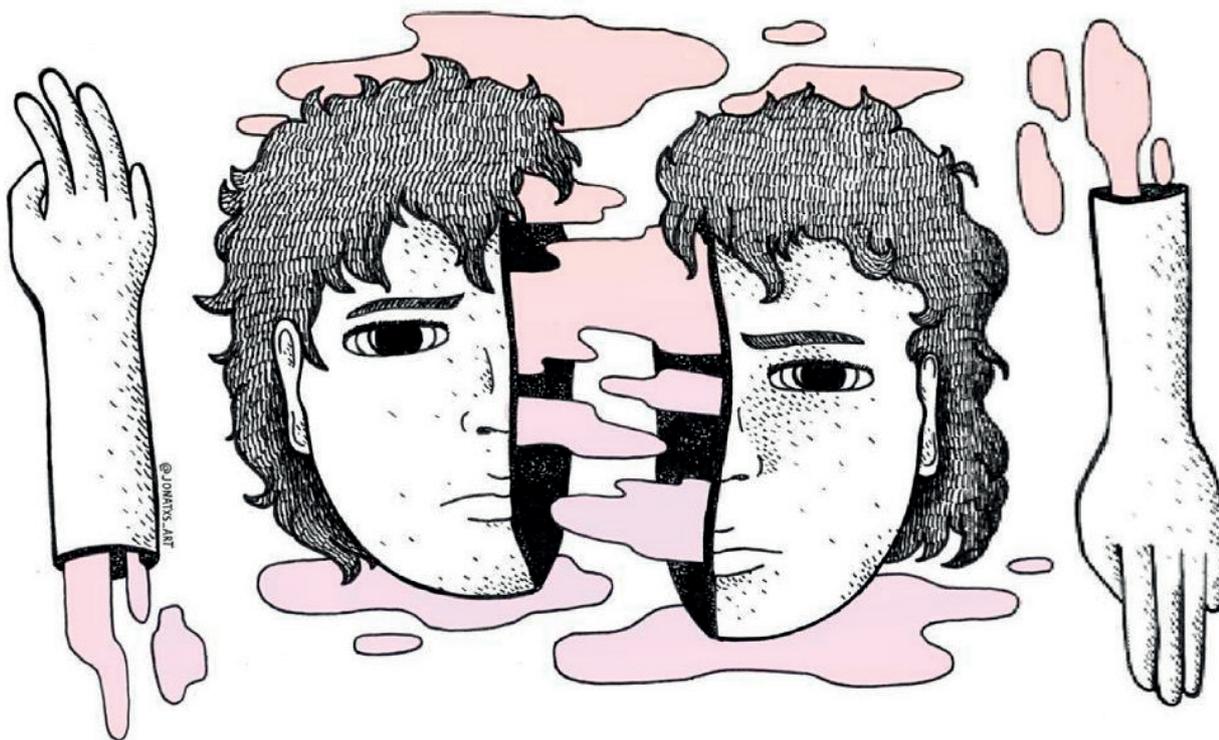
Doce Solidão,

Fazia tempo que não nos esbarrávamos. Como agora parece certo que vieste para ficar, decidi escrever esta carta de verdades pessoais que tenho escondido desde que nos conhecemos. Quando foste embora a primeira vez, tudo o que me ensinaste, toda a tua pedagogia, pareceu desaparecer como neblina ao meio-dia. Agora que estás de volta, parece hora de falarmos.

Quando vai-se o dia e vem a noite, como ervilha embaixo do colchão, algo tem perturbado meu bom sono. Uma questão segue batucando as bandas de minha cabeça e ofuscando meus sonhos mais nítidos: o que aprendi com a Solidão?

Ora, Solidão... contigo aprendi que lágrimas de amor adoçam a boca murcha dos que as derramam, mas não salgam, nem sugam como

as lágrimas dos tristonhos. Aprendi a escutar o barulho de meus próprios passos e a não mais confundí-lo com o de outros pés. Agora vejo minhas pegadas. Desenho no chão os meus caminhos. Aprendi que árvores não apressam a própria seiva. A vida bagunça, mas o tempo faz sarar. Aprendi a não temer o frio do inverno ou as tempestades da primavera com medo de que o verão nunca retorne. Quando menos é esperado, volta o Sol a esquentar. Aprendi a escutar boa música e a cantar o meu amor por dentre versos que não são meus. Aprendi a mastigar, para depois engolir. A escovar bem cada dente de minha arcada. A esfregar o couro cabeludo no banho. A tratar bem os começos, porque são mais importantes do que os finais. Aprendi que saudade é vertigem, mas que é melhor senti-la do que andar vazio. Aprendi



que a Solidão não é sozinha. Aprendi que a Solidão é o lado vazio do sofá. É o café gelado. É a pétala broxa. É tudo aquilo que foi, e hoje não é mais. A senhora, Solidão, abraça, engole e devora. Aprendi a comer cru com faca cega e garfo torto. Aprendi a rasgar a alma com folha de papel. Aprendi que baguncei a nossa casa, meu amor. Mudei algumas certezas de lugar. Hoje, não encontramos mais nada. Há muita coisa a procurar. Aprendi que quando palavras calam as mentiras gritam. É tempo de encontrar novas verdades. Aprendi que fiz chover em ti, amor, porque fechei o tempo no céu da sua boca. Depois da chuva, você vai florescer radiante. Aprendi a sentir o cheiro do ar. Aprendi a te sentir em toda parte. Aprendi a apreciar a paisagem além da janela do ônibus. Aprendi sobre a importância da rotina: quebrá-la pode ser mais dolorido que vivê-la. Aprendi a não esquecer. Mas tem sido difícil lembrar. Aprendi a notar as pequenas coisas. Aprendi que passarinhos cantam depois da manhã levantar e arredam antes da noite cair. Aprendi que

páginas de livros guardam mais do que palavras: é preciso estar atento às vírgulas e aos pontos finais. Aprendi a não fazer sentir mais do que se pode aguentar. Depois, não se quer sentir nada nunca mais. Aprendi a escrever dizeres simples. De complicado já basta o que passou. Aprendi que deixar ir dói mais do que deixar ficar. Aprendi que o nó bem dado só desata para ser amarrado novamente. Aprendi a deixar a dor atravessar. Aprendi a moral das flores de mentira: elas parecem de verdade, até que se olhe bem de perto. Aprendi que avisar sobre o estrago não diminui a dor de provocá-lo.

Ah, solidão. Quanto me deste, e quão pouco te entreguei em retorno.

Aliás, eis aí mais uma coisa que eu deveria aprender. Que bom ainda termos tempo.

Do seu querido,
Saulo.

Por Saulo Rocha
Estudante do 4º período de Direito na Fundação
Getúlio Vargas





Carta de São Pedro à gente mesquinha do prédio de vidro

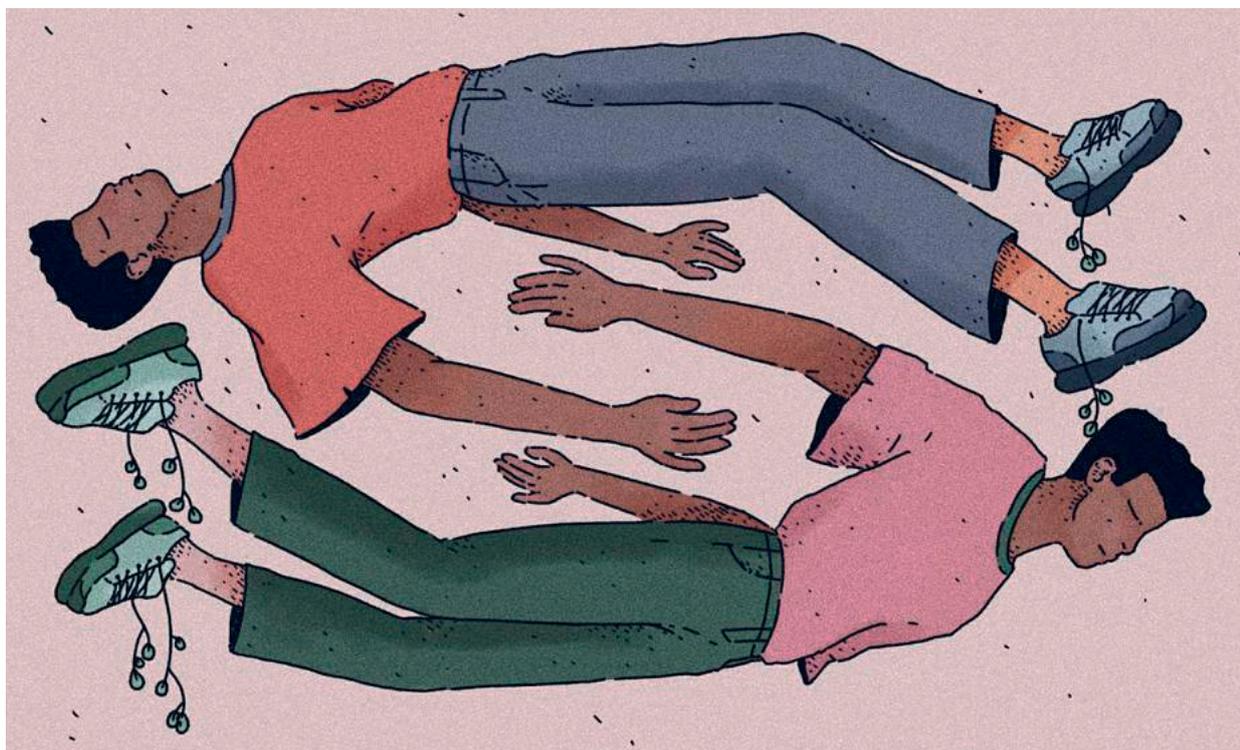
Por Victor Caldas

Eu descobri que eu não era especial no meio de um monte de gente. Gente branca, pequeno burguesa, olhando pra frente. Um fio de cabelo da juba percebe que é só um fio, indiferente pro Simba, pro Mufasa ou pra Ariel, quando ele para e vê outros fios cantando e se mexendo no mesmo ritmo que a estrela internacional supervalorizada na frente deles. É perder a individualidade da forma mais cruel. É pior que ter que mudar. Quem muda tem um alvo, um arquétipo, um objetivo seja pra se alcançar, seja

pra se afastar. Mas o fio? Ele volta a ser poeira cósmica, ele se perde e se vê fungível.

A vida é como um pão com manteiga. Tem gente que tem, tem gente que não gosta, e se cair de cabeça do trigésimo terceiro andar da Torre Aves de Muriaé, 321, Centro, morre.

Por Victor Caldas
Estudante do 6º período de Direito na Fundação Getúlio Vargas





Irentharamar

Por Pedro Henrique Ache

Esar-doukalarii despertou e com ele, a imensidão de Irentharamar. Alojada no centro daquele espelho infinito e azulado, estava a pequena ilha, Dohamar, onde Esar levantava de seu despertar, enquanto contemplava a indiferença entre o solo e o céu que o cobria.

A presença de Esar-Doukalarii não era singular. Suas contemplações de Irentharamar eram também preenchidas pelo voar de Morhen e Torhen, duas entidades que, enquanto planavam pelo céu, entrelaçavam-se, gerando um rastro por onde passavam.

Na vez que Esar não observou Morhen e Torhen, ele mirou o plano espalhado, que circundava a pequena Dohamar. O azul de Irentharamar parecia, ao mesmo tempo que um espelho, um mar calmo. Do reflexo de Esar-doukalarii distorcido, pelo pequeno movimento do espelho, surgiram Onur e Sonastrii, seus filhos.

Onur, enquanto sentava ao lado de Sonastrii e Esar, se interessou mais por Morhen e Torhen do que pelo espelhado azul que os cercava. De vezes em vezes, chamava as duas entidades para fazer um certo trajeto que entretece ainda mais a contemplação de Esar-Doukalarii.

Seu Irmão, Sonastrii, invejado pelo presente a Esar, quis também dar algo a seu pai. Para isso, criou pequenos planetas para que pudessem ser observados pelos três. Dos vários que foram estruturados, todos foram jogados ao espelho azul de Irentharamar. As pequenas esferas nada mais eram do que pequenos palcos para o prazeroso observar dos três deuses.

O jogar dos pequenos palcos gerou uma movimentação intensa no espelho azul, criando uma certa desordem. Alguns foram esfarelados, afundando na imensidão azulada, enquanto outros boiavam, contudo, a pequena desordem não parava, tornando o presente de Sonastrii uma tentativa falha.

Onur, vendo a confusão que se instaurou na calmaria de Irentharamar, tentou ajudar seu irmão. Mandou Morhen e Torhen ajudá-los a pegar os pequenos planetas, a fim de tirá-los de sua ruína. As quatro entidades pegaram as circunferências e as estenderam ao céu de Irentharamar, sendo sustentados pela trajetória de Morhen e Torhen.

Dessa maneira, com os planetas seguindo suspensos aos céus cristalinos a trajetória de Morhen e Torhen, destino e tempo foram criados, sendo regulados pelo voar das pequenas entidades, que os modificavam conforme o mandar de Onur. Essa movimentação levava ordem ou confusão aos pequenos planetas, gerando vida ou morte em cada um.

Os presentes de Onur e Sonastrii se uniram, tornando-se um só presente que agradou Esar-Doukalarii, que permaneceu observando os pequenos planetas e seus destinos sem cessar. É aí que nosso pequeno lar está, suspenso pela trajetória do destino e tempo, enquanto os deuses observam nossa modesta existência.

Por Pedro Henrique Ache
Estudante do 2º período de Direito na
Universidade de Brasília



Entre idas e vindas tentando me purificar do que a gente já foi um dia

Por Mariana Plácido

Esta é uma nota de repúdio ao que não fomos. A melancolia de Vinicius de Moraes nunca foi tão real e hodierna, mas para mim. É claro, estamos em tempos de concretização de teoria baumaniana. Com liquidez no amor e relações descartáveis, uma vez protagonistas e espectadores da objetificação e precificação do que é ser, vivo, portanto, num constante contrapasso do que é apetecível e envolvente para a geração Z. É inconveniente sentir demais, hostil até. O medo de se afogar e viver intensamente, que nos faz verdadeiramente humanos, está banalizando o que é amar. Nessa linha, que me parece a real inversão de valores que ocorre no corpo social juvenil brasileiro, a regra geral é a apatia em prol de egocentrismo sem precedentes. É com pesar que fica cada vez mais evidente que o Soneto de Amor Total dificilmente vai ressuscitar. De modo que

*“Amo-te como um bicho, simplesmente,
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.”*



É trocado por:

“Você sente demais”.

Entretanto, é preciso trazer Lima Barreto para roda e entender que o romantismo está condicionado a corpos pré-determinados. Não é à toa que Clara dos Anjos de clara não tinha nada. Que ficou sentada a espera de *Where's my flowers?* Não apenas um bêbado, mas o preto escritor soube diagnosticar a solidão mesmo sem o catálogo sociológico que nos atende hoje. Apesar da sublime posição de Lima, a denúncia de Clara já não mais atende a hodierna existência carioca. É pior até! Porque hoje estamos conscientes! E se você não liga, não entendeu nada. Estou exausta, mas Flora Matos pode te explicar.

É nesse ponto que os dois autores convergem em um, não somente ao expor a falta de amor nas relações pessoais, mas para evidenciar o que Machado de Assis já falara há tempos. O amor de Moraes em extinção e a vida de Clara correndo entre nós ainda hoje convergem para a farsa de O Espelho. Apesar de não sermos, queremos ser, ou melhor, parecer. Desesperados para mostrar e nos autoafirmar. Pegamos o que sobra, divulgamos, nos cansamos e descartamos. A alma externa em detrimento da interna nos condiciona a continuar em busca do parecer. E ainda não somos, somos cegos a ponto de não enxergarmos que estamos na contramão. Em nada adianta regarmos nossa vida pública, enquanto a íntima sofre em seca.

Por Mariana Plácido
Estudante do 4º período de Direito na Fundação
Getúlio Vargas



Lar, Doce Lar

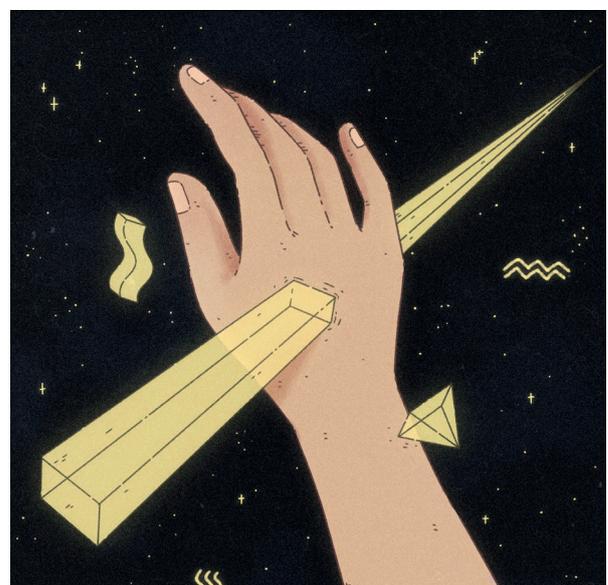
Por Sérgio Costa

Um dos pilares da sociedade humana é a convivência coletiva, a capacidade que os indivíduos têm de reunirem-se em grupos e exercerem atividades diferenciadas. Os grupos sociais ancestrais utilizaram as cavernas como um lugar de proteção para essa comunhão. O homem encontrara a proteção para seus corpos, passando a ter um local onde a interação social serviu de base para o principal núcleo de evolução e perpetuação da espécie humana, a *família*. No decorrer dos séculos, com o avançar da evolução humana e tecnológica, os lugares de comunhão foram evoluindo. O homem obteve diversos locais de moradia e proteção, feitos a partir de inúmeros materiais e modos. Mas, até a vigência da sociedade *consumista*, o *lar* era encarado como o local de reunião, proteção e interação para os seres humanos. Onde se podia descansar, renovar as energias, cuidar dos seus membros e zelar pela continuação dessa comunhão. Não importava o tamanho da moradia, porque todas tinham o mesmo propósito no contexto social, que era reunir a família.

A vida humana está totalmente modificada em todos os ambientes e, diante da perspectiva *mercadológica*, o conceito de reunião caiu em desuso. A necessidade constante de querer sempre algo mais é uma inquietação constante. A pressão pela busca por novos produtos, que satisfaçam essa vontade, faz com que os membros da família saiam cada vez mais de suas casas. A lógica *empresarial* atual é exercida por meio da constante dúvida quanto ao potencial dos empregados. A empresa estabelece uma carga ainda maior de cobranças por meio de metas

e planos de gestão, visando a tirar o *máximo* dos *colaboradores*. Os trabalhadores ávidos em atender essa demanda de serviço não querem ser julgados *falhos*, porque também dependem do seu emprego. Consequentemente, o alívio passageiro que se tem com a capacidade de agir em um tempo hábil dá aos trabalhadores a ilusão de poder conquistar o tempo, ao concluir tudo aquilo que lhes foi solicitado dentro do prazo estipulado.

Obedecendo a lógica de produção incessante, os trabalhadores passam cada vez mais tempo nos locais de trabalho. Somado ao tempo do *deslocamento* casa x empresa, a profusão de horas-extras é encarada como algo normal. Essas horas-extras poderão ser revertidas em merecidos ganhos ao final do mês e isto aumentará as chances para a compra de novas identidades *consumistas* e ajudará a evitar conflitos desconfortáveis, quando indagado por outro par do ambiente doméstico a respeito da ausência. O trabalhador exerce fielmente esse papel, ao comprar substitutos de sua *presença* em



forma de objetos portadores de identidades para colocar em suas casas.

O esforço exacerbado é explorado ao máximo pelos empregadores. O trabalhador da nova sociedade *consumista* abandona a âncora social do *lar*. Afinal, passa mais tempo em busca da sua inserção no mercado e do prazer individual ao adquirir novas mercadorias. É a única substituição vista com bons olhos para a falta de tempo do convívio com seus pares. Cada membro familiar agora age por si, tendo seus próprios interesses em busca da satisfação. Cria-se, dentro de casa, um ambiente individualista, onde se evita a interação pessoal. Discutir os propósitos e inquietações que cercam a convivência humana é demorado e doloroso. São cada vez mais comuns as conversas e coletas de informações dos membros do *lar* via *smartphone*. Como um modelo mal engendrado, essa visão é uma realidade crescente.

Nas sociedades antigas, o ambiente familiar era um refúgio calmo e isolado. Era possível se alienar do mundo dentro dele. As visitas só apareciam com datas pré-estabelecidas. Nada podia abalar a calma e tranquilidade desse lugar. Mas a urgência pelo *consumo* trouxe a necessidade de *inserir* o mundo dentro do *lar*. Em uma sociedade onde é preciso ser *visto* para ser *reconhecido*, não é mais permitido se entrincheirar. Os amigos devem realizar visitas frequentes para deitarem os olhos nas novas posses compradas com as horas de trabalho árduo. Os visitantes servirão de juízes da aceitação social. Quanto maior a expressão de surpresa e comentários elogiosos, maior será a satisfação daquele momento. No entanto, o tempo presente já é o futuro e a aceleração da fabricação de novos *desejos* não para. Quando as visitas retornarem, em outra ocasião, não podem se deparar com um ambiente repetitivo e *falho*.

É necessário buscar novos objetos dotados de identidades para o *lar*.

Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, ao observarmos a maioria das casas em *comunidades*, podemos empregar a “Lógica do Ovo”. O ovo gera uma expectativa enorme quando ainda está inteiro. Antes de romper a casca, sem saber do seu interior, a sensação de descobrir o que há por trás da casca é uma inquietação que culmina com o rompimento do invólucro. Mas ao se deparar com o que há na parte interna do ovo, a sensação de inquietação é saciada por um instante, porém isso volta com mais vontade. É preciso buscar mais ovos para quebrar e obter o conhecimento dos seus interiores. Não há contentamento em somente *imaginar* o que *pode* vir a ter dentro de cada ovo. Quando um indivíduo cruza a barreira da *casca* – paredes da casa – e entra em uma sala, ele carrega consigo toda a carga do *consumismo* ao longo da vida. Ele tinha milhões de motivos para estar em outro lugar. Quando indagado, poderá responder como chegou até *ali* e como esqueceu para onde realmente iria. A competição por aceitação social, por meio de novas identidades, instiga a curiosidade em saber o que há por trás das paredes da casa vizinha. Por saber o que o vizinho tem no interior de sua casa, é possível antecipá-lo na compra de novos objetos e estar momentaneamente à frente dele.

O interior do ovo (gema e clara) na escala nutritiva tem um valor maior do que a casca. A casca não é tão importante quanto o interior. A casa da maioria dos moradores de *comunidades* brasileiras segue essa padronização. Por não ter os meios necessários para cuidar da casca e do interior ao mesmo tempo, passa-se a se dedicar à parte mais nutritiva do ovo – o *lar*, seu interior, em detrimento da parte externa, a *casca*. Cuidar da parte externa é algo que requer

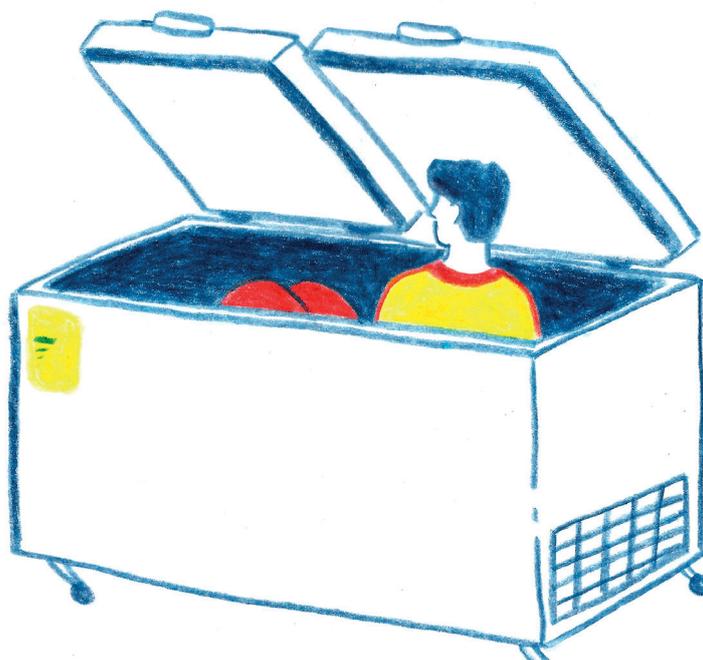
uma atenção detalhada. Reformas na estrutura ou a construção de uma nova prendem o morador por um determinado espaço de tempo, acumulam lixo em excesso e não são aceitas pelo *consumismo*. O interior é o que interessa. Ele é mais maleável e pode ser moldado, mexido e chacoalhado a bel-prazer, segundo a vontade do *mercado* de uma forma mais rápida e condizente com o *ritmo* acelerado da sociedade.

Nas casas onde se aplica essa “Lógica do Ovo”, é possível notar que o interior recebe maior *valor* do que o seu exterior. A estrutura – *casca* – apresenta alvenaria crua, com pinturas desgastadas, reboco apodrecendo, infiltrações e rachaduras. Mas a parte de dentro é um contraste. Não cabe mais espanto em verificar que, no interior destes *lares*, é possível encontrar uma variedade de produtos tecnológicos e objetos embutidos devido à pressão para se ter tudo novo e atualizado. O acesso ao crédito deu ao morador das *comunidades* a oportunidade de adquirir esses itens, diluindo seus custos por longas e suaves prestações. Agora os objetos de maior valor de mercado estão nas residências

dos mais ricos e dos mais pobres. A enxurrada de promoções e liquidações entra nas *comunidades*. E, à medida que esses objetos entram nestes lares, menos tempo os familiares passam unidos e desfrutando de suas companhias.

Quando a estrutura física começa a ruir, anuncia que a desatenção com a parte *da casca* – exterior, que não condiz com a lógica do mercado, se tornou um estorvo. Porém, a parte *interna* (a gema e a clara da casca) está saturada e já não comporta mais novos objetos devido às limitações físicas de espaço. Assim, a busca por adquirir novas identidades, novos objetos e tecnologias embutidas de *status*, continua girando incansavelmente e sendo algo presente nos lares das *comunidades* brasileiras. Afinal, o conceito de lar também está codificado no *consumismo* e impõe o comportamento dos indivíduos. A aceitação social começa a partir do diálogo familiar, conforme o discurso do mercado.

Por Sérgio Costa
Estudante do 4º período de Direito na
Universidade do Estado do Rio de Janeiro





Meu primeiro relacionamento tóxico

Por Pietra Monteiro Fleig

Pra mim, sempre foi tão difícil olhar declarações de amor sem pensar em você. Sempre foi difícil não nos enxergar em fotos de casais sorrindo ou não sentir vontade de te ligar ao ver a felicidade dos casais nas ruas. Eu sentia raiva por ainda te querer por perto, mas você sempre foi o primeiro nome que me vinha na cabeça quando eu me sentia só (logo depois vinham todas as lágrimas reprimidas). Eu lamentava, pensava em como você havia me deixado para trás em uma noite como essa.

Mas, hoje, vejo que você nunca me abandonou.

Quando você chegou e tentou se acomodar na minha bagunça, eu já estava sozinha, desamparada. A verdade é que eu me abandonei, de pouco em pouco, durante anos.

Toda vez que eu me botei em segundo lugar, não soube dizer “não” quando quis, neguei o que sentia e invalidei meu esforço, eu me abandonei. Eu me rejeitei e fui embora tantas vezes.

Deixei-me sozinha, porque não soube fazer de outro jeito. E, então, reclamei da solidão. Pedi por um amor que me acompanhasse, só que eu não sabia que esse amor teria que vir de dentro.

Mentalizei desde muito cedo que precisava de outra metade pra me completar. Eu fantasiei tantas histórias e escrevi o roteiro da paixão que queria viver, como nos filmes e contos que eu gostava tanto. Procurei por um alguém pra ser protagonista da minha historinha. E foi aí que eu achei você quando deveria ter me achado em mim.

Assim que nossos caminhos se divergiram, eu lamentei, porque você nunca me assumiu. Esqueci que eu mesma nunca me assumi. Aceitei e concordei com seus defeitos e escondi

os meus para que você não os visse, porque eu achava que não havia como você me amar assim.

Eu estava tão perdida e não sabia meu caminho de volta; já estava distante, nem lembrava que havia partido de algum ponto. Eu me isolava cada vez mais toda vez que não me sentia digna de amor, que me exigia ser o que não era para agradar terceiros.

Eu fui cruel comigo mesma, mas culpei você, o que foi ainda mais maldoso da minha parte. Você não mereceu todos os adjetivos que eu te atribuí, todas as lágrimas que eu derramei; nunca foi você meu vilão. E eu nunca fui eu sua vítima.

Eu me tornei passiva, mártir de mim mesma! Queria tanto seguir um roteiro em que me deixei como coadjuvante da minha própria vida. Eram as pessoas que “me faziam mal”, que “não queriam ficar”, quando nem eu mesmo queria. Eu exigi de você o que eu não fiz por mim.

Atribuí à solidão um sentido tão pejorativo, como se eu fosse uma companhia horrível... e eu realmente era. Meu primeiro relacionamento tóxico foi comigo mesma, e isso me dói tanto admitir. E eu nunca tive coragem de encarar a realidade: fui eu quem me deixei sozinha. Nunca tive coragem de ser meu próprio amor.

Hoje, eu tenho essa coragem. Preciso aprender a estar comigo para estar com outro alguém. Quero ser melhor pra mim antes de pedir por um amor que não o meu. E, de todos os presentes e declarações que eu poderia ter recebido, a disposição pra me reencontrar e amar foi o que eu mais desejei.

Por Pietra Monteiro Fleig
Estudante do 2º período de Direito na Fundação
Getúlio Vargas

Do Rock ao Rap: uma mudança de pensamento político e social nas décadas de 1980 e 1990

Por Anna Clara Fonseca e Vitória Regina Barros

Repórter: Qual foi o momento que você mais se sentiu perto dessa plateia toda?

Cazuza: Eu gostei quando eles cantaram “Pro dia nascer feliz”, pro Brasil, porque amanhã é uma dia que vai nascer feliz pro Brasil todo, Brasil tá com esperança, tá todo mundo achando que vai raiar uma coisa nova então eu achei bonito a plateia cantar junto porque ficou uma coisa de esperança mesmo, de um dia novo, da coisa nova que tá pintando por aí com Tancredo, com o que o Tancredo vai fazer, alguma coisa vai começar.¹

O *Rock in Rio*, realizado pela primeira vez entre 11 a 20 de janeiro de 1985, no Rio de Janeiro, refletiu um turbilhão de sentimentos, pensamentos e comportamentos políticos da década de 1980. Quatro dias após seu início, Cazuza subia ao palco e transformaria a música “Pro dia nascer feliz” em um símbolo do processo de redemocratização do Brasil, depois de duas décadas de ditadura. Assim, em 15 de janeiro de 1985, mesmo dia das eleições indiretas para presidente, durante o primeiro “Rock in Rio”, Cazuza a cantou em comemoração à eleição de Tancredo Neves, o novo presidente da República” (ROCHEDO, 2014, p.149).

No dia seguinte (16/01), Tancredo estampava a capa do jornal *Folha de São Paulo* como o primeiro presidente civil após a ditadura civil-militar (1964-1985). Enquanto ocorriam essas mudanças políticas, no palco do Rock in Rio, em “homenagem” à eleição de Tancredo Neves, Os Paralamas do Sucesso tocaram a música

“Inútil”, hit do Ultraje a Rigor, que diz em sua letra que “a gente não sabemos escolher presidente”. A música foi composta em 1983 e fez bastante sucesso durante a campanha das Diretas-Já.

Dessa forma, o festival foi um dos exemplos do contexto histórico-político brasileiro, reunindo diversos cantores e bandas que ganharam destaque no cenário musical nacional no início da década de 1980, devido às suas “canções que imprimiam parte da memória musical da geração afetada pela ditadura civil-militar e também traduziam a inquietação e indignação de quem desejava que seu país retornasse à perspectiva de um futuro e um presente democrático” (ROCHEDO, 2014, p.142 e 143).

Nesse aspecto, apesar de o BRock – movimento do rock brasileiro nos anos 80 – apresentar diferentes estilos, ele marcou o pensamento de uma década e por isso seria exaltado a *posteriori*. Os versos críticos acerca

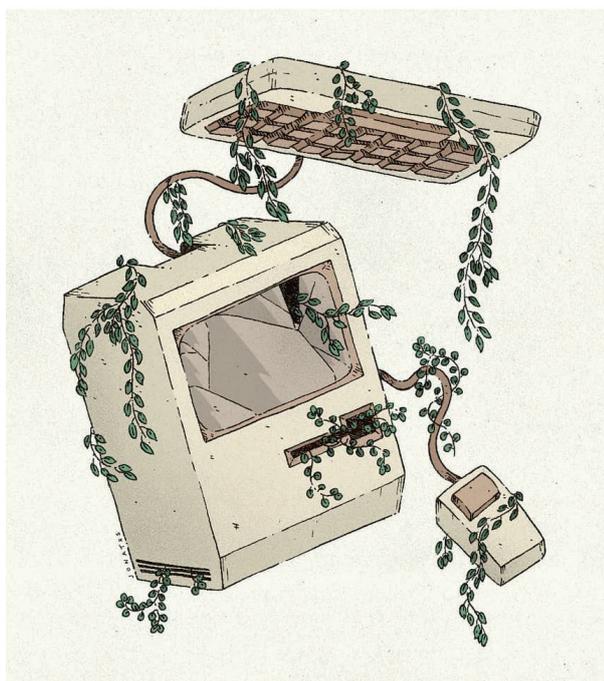


¹ Entrevista da Rede Globo realizada com o Cazuza em 1985. Acesso disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=GHBduWYz6fw>>

da conjuntura política brasileira, entretanto, já estavam presentes em composições musicais desde os anos 1970, porém de uma maneira mais indireta, principalmente, através de metáforas, uma vez que, sob a justificativa de defesa da moral e dos bons costumes, diversos órgãos de censura averiguaram os teatros, os musicais, os programas de tv, o cinema, os jornais, as revistas, as músicas etc., como forma de “fiscalização sistemática e velada no sentido de impedir a divulgação de notícias ou comentários contrários ao regime e as instituições” (FICO, 2003, p.190).

Dessa forma, a primeira edição do Rock in Rio não ganhou notoriedade somente por reunir astros do rock mundial dividindo o palco e por receber mais de 200 mil pessoas na plateia, o festival refletia e estimulava o clima de esperança e expectativa da população, principalmente da juventude, graças ao processo de redemocratização vivido pelo país naquele momento.

Entretanto, mesmo o BRock tendo conquistado uma enorme notoriedade a partir



da década de 1980, devido às suas letras críticas e/ou esperançosas acerca do contexto social e político nacional, “a esquerda os odiava quase tanto quanto a direita. Eram os filhotes da ditadura, os burgueses sem religião, a geração Coca-Cola, afinal, todos esses artistas eram filhos de classe média, esta que a política do governo ditatorial já não correspondia às expectativas” (ROCHEDO, 2014, p. 145 e 146).

Logo, é importante destacar que o BRock era um movimento liderado por jovens músicos da elite brasileira, como Cazusa, por exemplo. As demandas deste grupo social eram diferentes das demandas da periferia – tornando-se um som mais elitista, de certa forma. É com a chegada do hip hop e mais especificamente do rap que a parte mais excluída da população, pelo resultado das desigualdades sociais, começa a se ver representada através das músicas. O rap passa a dar voz à favela e à periferia.

Esse gênero musical deu seus primeiros passos no Brasil no final dos anos 80 e início dos anos 90, enquanto nos EUA – lugar onde se originou – o processo se deu nos anos 70. Através dos bailes de *black music* que ocorriam no país, diversos rappers se aproximaram e foram influenciados em suas produções, além da forte influência internacional através da globalização. Segundo Rogério de Souza da Silva, “a cidade de São Paulo é considerada o verdadeiro berço do hip hop no Brasil [...]” (SILVA, 2012, p. 60). No Rio de Janeiro, por sua vez, é o funk que ganha destaque, seguindo um caminho distinto, porém ainda na gama da *black music*.

É importante salientar que o hip hop e o rap não são a mesma coisa. O hip hop é o movimento cultural, e nele há o rap (música), o *break* (dança) e o grafite (arte). A respeito da chegada do hip hop no Brasil, Silva aponta para

o fato de que foi através do *break dance*, nos bailes de *black music* – e, posteriormente, em praças da cidade com apresentações de diversas equipes –, que a entrada do hip hop na cultura brasileira aconteceu (SILVA, 2012, p. 63).

O hip hop no Brasil sempre teve um forte cunho social e político, retratando a população negra e de periferia em suas manifestações artísticas. A fé no poder da arte e na capacidade desta como instrumento de transformação social existe no movimento desde o seu início. Por isso, no rap, as letras são questionadoras e trazem uma reflexão acerca da realidade de parte da população brasileira.

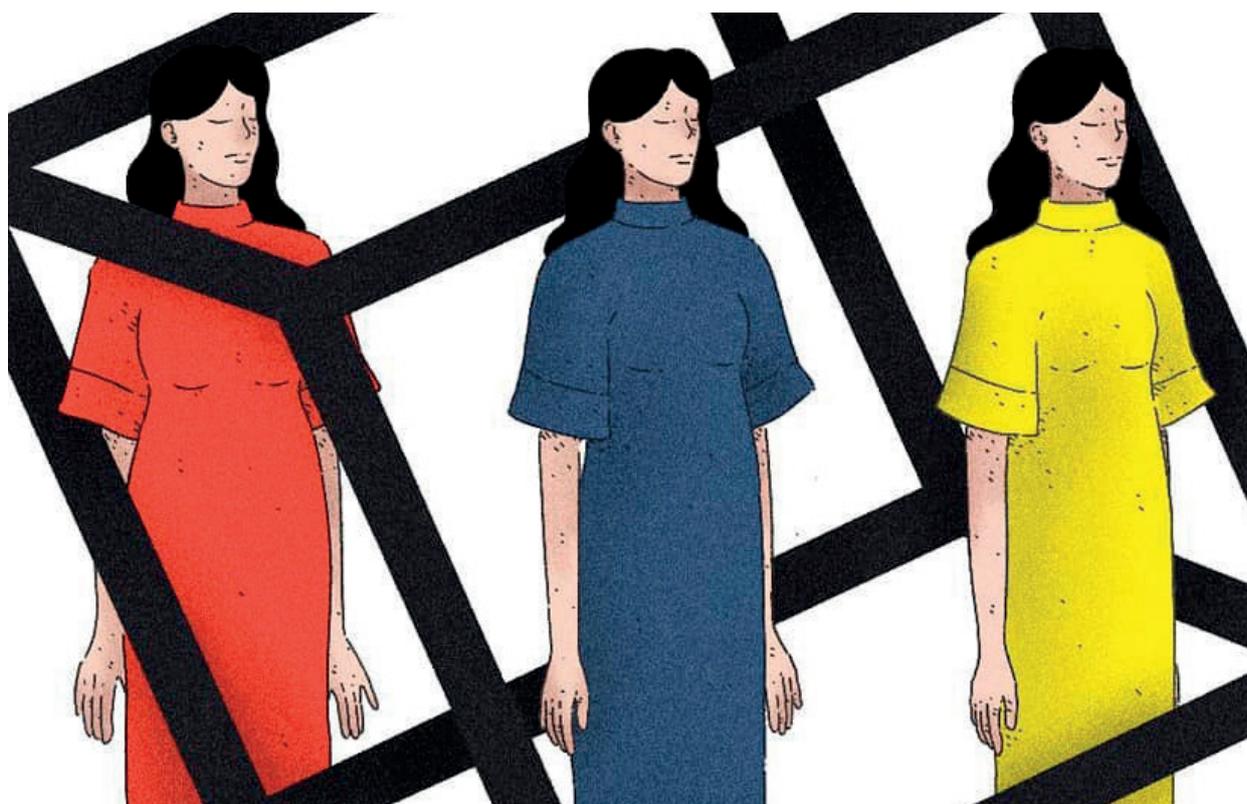
Logo, esse estilo musical transmite, nessa virada dos anos 80 para os 90, uma nova maneira de fazer política. Nesse momento, a democracia já estava sendo – aos poucos – restabelecida, e esses novos atores estavam apresentando novas demandas sociais (mais voltadas aos jovens periféricos) através das músicas e fugindo um pouco do que estava sendo produzido pelo

BRock, isto é, músicas sobre a conjuntura política da época e os anseios daquela juventude mais abastada.

Dessa forma, é possível perceber uma mudança de pensamento e de comportamento ao analisar as décadas de 1980 e 1990, algo que reflete o contexto histórico nacional. Vale notar ainda que esse período foi essencial para a ampliação das reivindicações sociais democráticas, algo que pode ser explicado através dos novos conceitos de cidadania da Constituição Cidadã de 1988 e o surgimento dos novos movimentos sociais na década de 80.

A partir desse momento, há uma maior participação social nas questões do Estado e a juventude, que antes se preocupava bastante com questão da redemocratização, passaria a expandir seus horizontes.

Por Anna Clara Fonseca e Vitória Regina Barros
Estudantes do 8º período de História da Escola
de Ciências Sociais na Fundação Getúlio Vargas





Almerinda Farias Gama e Carlota Pereira de Queirós: a participação feminina nos espaços de poder

Por Vitória Regina Barros

Em novembro 1933, no palácio Tiradentes, localizado no centro do Rio de Janeiro, teve início a terceira Assembléia Nacional Constituinte brasileira. O objetivo da sessão era elaborar uma nova Constituição para o país, esta que iria substituir a Constituição de 1891, responsável por marcar a transição da monarquia para a república.

Durante oito meses, diferentes grupos políticos debateram um conjunto variado de projetos e interesses econômicos, políticos, jurídicos, entre outras questões. Dentre 252 homens que formavam o plenário, duas figuras femininas ganharam notoriedade por serem as primeiras mulheres eleitas para uma Assembleia Constituinte no Brasil, sendo elas: Almerinda Farias Gama e Carlota Pereira de Queirós.

Representando o Sindicato dos Datilógrafos e Taquígrafos e a Federação do Trabalho do Distrito Federal, Almerinda F. Gama foi a única

mulher a votar como delegada na eleição dos representantes classistas para a Assembleia Nacional em 1933. Além disso, Almerinda é uma das primeiras mulheres negras atuando na política brasileira. Já Carlota Pereira de Queirós, foi a única eleita à Assembleia Nacional Constituinte, na legenda da Chapa Única por São Paulo e a primeira mulher eleita Deputada Federal na América Latina e no Brasil pelo Partido Constitucionalista de São Paulo. Seu mandato durou até 1937.

Assim como Carlota, Almerinda F. Gama candidatou-se pelo Distrito Federal nas eleições regulares para a Câmara Federal e para o Senado, no pleito de 14 de outubro de 1934. Infelizmente, ela não foi eleita.

As duas personagens lutaram em prol do princípio da igualdade entre os sexos, do direito ao voto, por alfabetização, assistência social e por melhorias salariais e de proteção



Carlota Pereira de Queiroz na Assembléia Constituinte de 1934. (Acervo Câmara dos Deputados).



Imagem nº 2: Almerinda Farias Gama, única mulher delegada-eleitora, depositando seu voto na urna, durante a eleição de representantes classistas para a Assembleia Nacional Constituinte, 1933. (CPDOC/ AFG foto 004/3)

para as trabalhadoras. Dessa forma, Almerinda e Carlota integraram a primeira onda do feminismo no Brasil, este que ocorreu entre o final do século XIX até meados dos anos 1940, tendo como principal reivindicação o direito ao voto, direito que foi conquistado em 1932, quando foi promulgado um Novo Código Eleitoral brasileiro.

Todavia, é importante ressaltar que ao ser incorporada à Constituição de 1934, o voto feminino foi estendido somente às mulheres solteiras e viúvas que exerciam trabalhos remunerados. As mulheres casadas deveriam ser autorizadas pelos maridos para poderem votar. No ano seguinte, o Código Eleitoral de 1935 decretou a obrigatoriedade do voto as mulheres que tinham atividades remuneradas. Para aquelas que não recebiam salário, contudo, o voto era considerado facultativo. Esta situação só foi modificada com o Código Eleitoral de 1965, este que igualou o voto feminino ao masculino, tornando-o obrigatório para ambos.

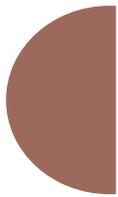
Apesar dessas questões, a conquista do voto feminino e a presença da figura feminina no âmbito político foi resultado de um processo de

lutas, avanços e recuos, que se inicia por volta dos anos 10 do século passado. No contexto político atual, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o número de mulheres eleitas para a Câmara e para as Assembleias aumentaram na eleição de 2018 quando comparado com a eleição anterior, de 2014:

	2014	2018
Câmara	51	77
Assembleias	119	161

Esse aumento acanhado não deixa de refletir um cenário de crescimento da participação feminina nos espaços de poder, algo que deve ser estimulado, por exemplo, mostrando o empoderamento das mulheres na ocupação desses cargos e também na defesa dos direitos de outras mulheres, seja na atualidade seja ao longo da história.

Por Vitória Regina Barros
Estudante do 8º período de História e Ciências Sociais do CPDOC, FGV



Prevenção para todos ou para um?

Por Fernanda Legey

Os tratamentos e prevenções para o caso da Aids/HIV são acessíveis e possuem um diálogo mais aberto graças às lutas de ativistas, ONGs e médicos. Eles lutaram desde a década de 80 para que a IST (Infecção Sexualmente Transmissível) seja vista como uma infecção que qualquer um possa contrair, já que ela foi associada como uma “*imunodeficiência relacionada aos gays*” (grid em inglês), pois o número de homens gays com Aids/HIV era alarmante. Hoje, é chamada de “*Síndrome da Imunodeficiência Autoadquirida*” (Sida ou Aids em inglês).

Diante dessa luta, muito foi adquirido e construído para o saber médico e popular. Bem, para uma parte da comunidade. Outros grupos são negligenciados porque não fazem parte do senso comum e são do círculo daqueles que não são afetados pela doença.

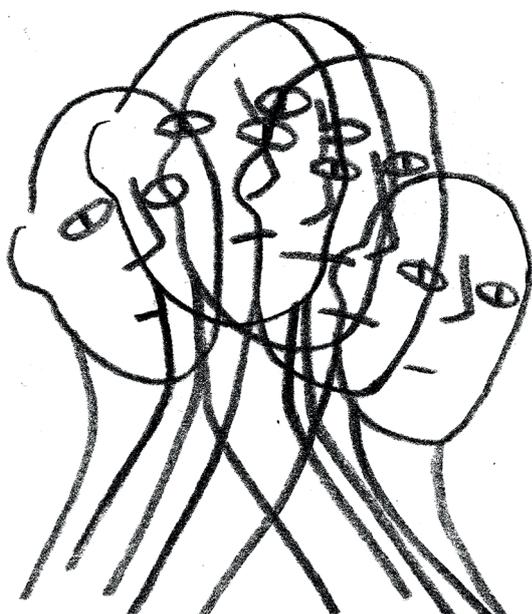
Minha perspectiva sobre prevenção nesses casos mudou com uma ida à ginecologista. Revelei a ela que não estava mais em um relacionamento, sendo este com uma mulher.

Em seguida, disse para tomar cuidado e usar camisinha. Bem, camisinha é mais conhecida para ter a proteção contra as ISTs, prevenir gravidez e ser anatomicamente certa para encaixar no falo, seja o produto feminino ou a masculino, foi o que pensei inicialmente. A partir desses pensamentos algumas dúvidas surgiram: porque a médica não me falou outro tipo de prevenção para mulheres que fazem sexo com mulheres?; será que existe prevenção específica para a comunidade de mulheres bissexuais e lésbicas?

Do caminho do consultório a minha casa um certo tipo de indignação foi crescendo. Então, decidi pesquisar mais sobre e sanar minhas dúvidas. O ponto de partida foi pesquisar no Google - o primeiro instinto de todos - sobre como me proteger sendo uma mulher que faz sexo com outras mulheres. Resultado: camisinha masculina ou feminina. De todos os sites que entrei, principalmente o do Ministério da Saúde, apareciam esse resultado, uma imagem do padrão masculino nas comunicações e imagens.

A REALIDADE POR TRÁS DAS CAMPANHAS...

A fala da médica sobre preservativo e a pesquisa sobre proteção proporcionaram alguns momentos de reflexão. Recentemente comecei a prestar mais atenção às propagandas do Ministério da Saúde e a lembrar as que eu tinha visto anteriormente. Perto do carnaval campanhas para proteção são veiculadas constantemente, entretanto, ao visitar o site do Ministério da Saúde, com intuito de saber quantas campanhas foram feitas, não apareceu



nenhuma sobre prevenção de HIV no banco de dados no ano de 2018.

Entre 2018 e 2019, no banco de dados do Ministério, aparecem somente 4 campanhas em um total. São duas para a prevenção de HPV em jovens, uma para o dia mundial de luta contra Aids (2018) e uma para prevenção de HIV durante o carnaval. O que me chamou atenção no site é que não consta a campanha contra sífilis realizada no 1º semestre de 2019, a qual foi veiculada em banners pelos transportes públicos.

Foi noticiado em janeiro deste ano, pelo Portal da Fiocruz, uma notícia de que a revista Radis abordaria sobre a epidemia de sífilis. De acordo com a matéria o número de casos de 2016 para 2017 aumentou 48%. Explica-se que houve um acréscimo na quantidade de tratamentos prescritos, mas não há garantia de que houve acréscimo no tratamento em si. O que falta, de acordo com o site, é que o paciente

entenda a doença que porta, pois não há certeza de que irá seguir o tratamento.

No caso da Aids/HIV não é tão diferente assim. Pela a perspectiva de que é necessário um entendimento sobre a doença que possui para seguir tratamento, a quantidade de campanhas feitas não alcança todo o Brasil. A campanha de carnaval de 2019 só atendeu os estados do Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Olinda, por serem cidades que sediam o carnaval de rua. Mesmo tendo um alcance limitado por conta do evento, uma nota do ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta faz com que a assertividade da campanha seja maior que o evento carnavalesco.

Tal nota provém por causa do alta incidência de casos de HIV. De acordo com o Boletim Epidemiológico de 2018 sobre Aids/HIV, de 2016 a 2017 houve crescimento dos casos de HIV, apesar dos óbitos e casos de Aids terem decrescido. O maior deles está entre os



ACT UP Boston (AIDS Coalition to Unleash Power) - Movimento e grupo que luta para acabar com a crise da AIDS. Fonte: Eric DelGizzo/WBUR.

homens que fazem sexo com homens, apesar de em 2018 a porcentagem (53,6% para 52,5%) ter decaído o número continua sendo alto. Na nota o ministro diz “Vamos fazer um carnaval e um ano inteiro de consciência à responsabilidade sobre o seu corpo e o da pessoa que você ama” (Ministério da Saúde, 2019). Mas como fazer isso se somente houve uma campanha no começo do ano e que é voltada para os homens?

José Carlos Rodrigues debate sobre como a sociedade controla o corpo. Ele expõe que “O sexo está entre a natureza e a cultura. Em nome da necessidade de mantê-las separadas, as culturas devem controlá-lo [...]” (2006, p.75). Em outras palavras, a sociedade, para manter as circunstâncias, o pensamento como estão, decidem frear as mudanças, controlar as informações e a verdade sobre a biologia. A construção das campanhas de prevenção

contra Aids/HIV e a fala da médica possuem uma noção de diferenciação biológica. Por um lado estão corretos de oferecer um meio de proteção contra a IST, mas não levam em consideração aqueles que não possuem um falo. Apesar da camisinha feminina ser um meio de proteção viável no sexo para mulheres bissexuais e lésbicas, não é uma forma prática de ser utilizada, diferente das masculinas que são mais “dinâmicas”.

A maneira como os meios de prevenção são distribuídos, comercializados e viabilizados possuem a tendência de favorecer os indivíduos com genitálias masculinas ou aqueles que usufruem do sexo gay ou hétero.

Por Fernanda Legey
Estudante do 8º período de Ciências Sociais na
Fundação Getúlio Vargas





Brasil, um presidencialismo multipartidário, ingovernável e descentralizado: uma análise de como funcionam as instituições políticas pós-88

Por Diana Rebelo Rodriguez

Sistema presidencialista multipartidário de lista aberta. Assim, pode-se definir o modelo político adotado no Brasil democrático contemporâneo. Para alguns, tal conjuntura garante governabilidade, por meio da centralização ou da dispersão do poder. Por outro lado, há quem defenda que o governo de coalizão e a legislação eleitoral produzem um quadro de ingovernabilidade, seja porque as decisões estão divididas, seja por estarem concentradas em uma mesma figura.

Particularmente, analisando o período democrático iniciado com a Constituição de 1988 e que vigora até os dias de hoje, acredito que o dado sistema político gera dispersão de poder e, conseqüentemente, ingovernabilidade. Essa, conforme Palermo, deve ser “entendida como a extrema dificuldade para a produção de decisões e mudanças” (2000, p. 523), não uma total imobilidade governamental. Além disso, vale ressaltar que um poder decisório disperso pressupõe uma “estrutura de poder nacional [...] fragmentada” (idem, p. 525), com preferências políticas pautadas em elementos estaduais que, muitas vezes, podem afetar a eficiência do governo.

Em relação ao último tópico, vale ressaltar que está intimamente relacionado ao federalismo brasileiro (Mainwaring, 1997; Palermo, 2000). Ele é pouco enfatizado nos estudos do tema, apesar de ser crucial para a análise, uma vez que o presidencialismo por si só não é capaz de explicá-la. Mainwaring (1997) conduziu um survey que, dentre outras questões, testou

se políticos são mais fiéis aos estados ou aos partidos. Para tal, questionou se, frente uma pauta que gerasse conflito entre as partes, qual lado seria escolhido. Entre os partidos de esquerda, há maior lealdade, com 75% das respostas do PDT, PT e PCdoB sendo favoráveis ao partido. Enquanto isso, o índice mais baixo é no PFL, com apenas 26,1% dos parlamentares contrariando seus estado.

A pesquisa elaborada trouxe também outras reflexões interessantes para a temática, em termos de fidelidade partidária e de fomento ao individualismo. Buscando compreender o nível de lealdade dos congressistas, Mainwaring (1991), indagou se políticos que trocam de partido deveriam perder o mandato. A maioria, 63,6% dos entrevistados, discordou. Em outra questão, descobriu-se um forte apoio (79,4%) à implementação de eleições primárias para definir os candidatos aos grandes cargos. Todavia, tais votações, reduzem o controle do partido sobre os políticos individuais. A partir do momento no qual os políticos brasileiros apoiam tal medida, estão concordando com o enfraquecimento dos já fragilizados partidos.

Ainda, vale comentar a questão do sistema eleitoral. Cox e McCubbins constataram que a “‘ingovernabilidade’ [...] é tipicamente um produto comum da [...] separação de objetivos eleitoralmente incentivada” (2001, p. 28)¹. Além deles, Mainwaring (1991) também reforçou

¹ Trecho em tradução livre. Original: “‘ungovernability’ [...] is typically a joint product of [...] electorally driven separations of purpose”.

a importância do sistema eleitoral. Afinal, ele é responsável por moldar os partidos e revelar as preferências dos políticos. O modelo brasileiro, proporcional e de lista aberta, incentiva o individualismo, enfraquecendo o poder dos partidos. Algumas regras encorajam a cooperação intrapartidária; outras, que o político aja individualmente, pois sua reeleição depende muito mais do esforço próprio do que da iniciativa partidária. Assim, buscam atender às necessidades de seus estados. Com isso, as próprias regras do sistema eleitoral cultivam o federalismo (Palermo, 2000). Nesse sentido, o Brasil é um dos países nos quais os políticos gozam de maior autonomia.

No entanto, existem outras causas dessa dispersão. A fragmentação partidária surge como outro elemento relevante nessa análise. A Constituição de 1988 permitiu um aumento no número de partidos. Assim, cresce a dificuldade do presidente obter maioria na Câmara. Entre 1989 e 1999, conforme observado por Figueiredo e Limongi (2006), o partido

presidencial controlou, em média, somente 11,7% das cadeiras. Desse modo, torna-se crucial a formação de uma coalizão que tente assegurar a governabilidade. Entretanto, a dinâmica por trás de sua administração e manutenção é delicada e, muitas vezes, falha, levando a um quadro de ingovernabilidade. Para Pereira e Melo (2013), a primeira ferramenta para manter a estabilidade é o controle orçamentário, um poder conferido ao presidente com a nova carta constitucional. Com ele, pode-se destinar fundos aos parlamentares, que, majoritariamente serão direcionados ao seu estado, em troca de cooperação. No entanto, há uma problemática: se o presidente dispõe dos recursos necessários para aprovar seus projetos, por que ocorreu o Mensalão, durante 2005 e 2006, um dos maiores escândalos de corrupção política mediante compra de votos de parlamentares no Congresso? Um outro exemplo são as denúncias, em 2011, de enriquecimento ilícito direcionadas ao então Ministro-chefe da Casa Civil, Antonio Palocci. Esta é uma demonstração do “preço de um gabinete desproporcional” (Pereira e Melo, 2013, p. 66)².

Indo além na análise das coalizões presidencialistas, apesar de alguns autores (Figueiredo e Limongi, 1999; Pereira e Melo, 2013) acreditarem que elas garantem coesão, esta é incompatível com o sistema partidário vigente. Conforme definiu Palermo (2000), a “configuração é complexa e insatisfatória” (p. 526), pois o Presidente lida com alguns possíveis poderes de veto. Como exemplos, tem-se o federalismo e a fragmentação partidária. Com isso, o regime adotado e a configuração dos partidos se relacionam de modo conflitante (Palermo, 2000). Nesse contexto, a dinâmica tem se tornado



² Trecho em tradução livre. Original: “Price of a Disproportional Cabinet”.



cada vez mais complicada, com o aumento da polarização ideológica entre os partidos. Segundo dados de Figueiredo e Limongi (2006), a média de cadeiras da coalizão governista na Câmara dos Deputados caiu 16,8% entre os períodos democráticos 1949-64 e 1988-2000.

Outro ponto interessante são os poderes presidenciais. Para autores como Figueiredo e Limongi (1999, 2006), um Presidente forte centraliza a tomada de decisões e, com isso, garante governabilidade. Apesar de só considerarem os poderes de agenda, acreditam que sua existência é um recurso para induzir o Congresso à cooperação. Entretanto, observa-se, a partir dos dados da Cebrap que apresentam (Figueiredo e Limongi, 2006), indícios do contrário. Uma

das estatísticas mostra, analisando a produção de leis por governo, entre 1949-64 e 1988-2000, o número de projetos sancionados por mês. O subtotal do primeiro período democrático é 2,5 maior do que o do segundo, uma vez que os poderes legislativos do presidente foram uma inovação da Constituição de 1988 em relação à de 1946, pode-se perceber que eles não evitam a ingovernabilidade.

Dentro da questão dos poderes presidenciais, outras análises são pertinentes. Shugart e Carey (1992) perceberam que a força presidencial minimiza a relevância do Congresso na tomada de decisões. Essa, para os autores, é uma das grandes críticas feitas ao sistema presidencialista. Nesse contexto, os parlamentares, exercendo

CAREY, John M.; SHUGART, Matthew Soberg. *Presidents and Assemblies: Constitutional Design and Electoral Dynamics*. New York: Cambridge University Press, 1992. 316p.
COX, Gary W.; McCUBBINS, Mathew D.. *The Institutional Determinants Of Economic Policy Outcomes*. In: HAGGARD, Stephan; McCUBBINS, Mathew D. *Presidents, parliaments, and policy*. Cambridge University Press, 2001, 378 p.

FIGUEIREDO, Argelina; LIMONGI, Fernando. Capítulos 1 e 2. In: _____. *Executivo e Legislativo na Nova Ordem Constitucional*. Rio de Janeiro: Editora FGV/Fapesp, 1999.
_____. Introdução. In: _____. *Poder de agenda na democracia brasileira: desempenho do governo no presidencialismo de coalizão*. Rio de Janeiro: Editora FGV/Fapesp, 2006.



pouco de sua função legislativa, empregam esforços no benefício de seus estados, reforçando a falta de coesão e a indisciplina partidária. Alguns mecanismos, como o requerimento de urgência, buscam limitar a “possibilidade de defender com sucesso os interesses específicos de seu eleitorado” (Figueiredo e Limongi, 1999, p. 29).

Aqui apresenta-se uma possível contradição, cujas raízes são constitucionais. A nova carta, de 1988, retomou os poderes perdidos pelo Legislativo durante o regime militar, buscando fortalecê-lo. Por outro lado, manteve os amplos poderes dos quais gozavam os Presidentes militares, estabelecendo um Executivo forte

(Figueiredo e Limongi, 1999). Enquanto o Executivo praticamente dobrou o número de leis sancionadas em relação ao período democrático anterior (1949-64), a média mensal desse índice para o Legislativo caiu de 11,1 para 2,2 (Figueiredo e Limongi, 2006). Por outro lado, há desequilíbrios além do alcance dos poderes presidenciais. Um exemplo é a fragmentação do poder nacional. Frente às demandas estaduais comuns, como já foi visto, os parlamentares podem se unir; os governadores, até mesmo controlar bancadas. Assim, a dispersão do poder decisório torna-se evidente e, com ela, há uma extrema dificuldade em se governar.

Logo, a dispersão do poder decisório e a ingovernabilidade são produtos das diversas características do modelo político adotado no país. Fragmentação partidária, pouca lealdade e disciplina dentre os parlamentares, federalismo encorpado, gabinetes heterogêneos e de difícil controle, todas elas corroboram para um sistema fragilizado, incapaz de tomar decisões e de atores em conflito. O presidente torna-se incapaz de manter um apoio longo do congresso, mas seus poderes são insuficientes para que governe sem o Legislativo. As soluções para a situação observada a partir desta análise das instituições políticas brasileiras poderiam vir com a reformulação do código eleitoral ou do sistema partidário. No entanto, vale ressaltar que o contexto de dispersão e ingovernabilidade está profundamente relacionado aos “critérios institucionais básicos que dão forma ao regime político” (Palermo, 2000, p. 524).

MAINWARING, Scott. *Politicians, parties and electoral systems: Brazil in comparative perspective*. *Comparative Politics*, v. 24, n. 1, p. 21-43, 1991.

PALERMO, Vicente. *Como se governa o Brasil? O debate sobre instituições políticas e gestão de governo*. Rio de Janeiro, v. 43, n. 3, p. 521-557, 2000.

PEREIRA, Carlos; MELO, André. Chapter 3: *The Politics of coalition management. Making Brazil Work: Checking the President in a Multiparty System*. Chicago: Palgrave USA, 2013.

Por Diana Rebelo Rodriguez
Estudante do 2º período de Ciências Sociais na
Fundação Getúlio Vargas



Bacurau: se for, vá na paz...

Cinema, linguagem e resistência na arte brasileira

ENTREVISTA COM LIA BAHIA

Entrevistadora: Breatriz Vergette

O cinema e a linguagem são protagonistas dessa entrevista que, inspirada por Bacurau (um filme que já nasceu clássico), procurou relacionar as nossas lutas diárias com a arte e a cultura.

Conversamos com Lia Bahia, professora e pesquisadora, sobre o papel do audiovisual na rotina do século XXI, a importância do filme de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, e a atual conjuntura político-social do Brasil.

Como você acredita que o cinema pode ser um mecanismo de transformação e catalogação histórica e social?

O cinema é uma arte e uma indústria ao mesmo tempo, ele já carrega esse binômio. Ele tem uma dimensão, como diria o ex-ministro Gilberto Gil, cidadã, uma dimensão simbólica, e uma dimensão econômica. Não só o cinema, como todas as artes e formas de expressão cultural.

Não acho que o cinema é melhor ou pior que as outras artes (*risos*). Mas, talvez, o audiovisual seja o principal veículo que a gente tem, hoje, de comunicação, principalmente com os jovens. Não hierarquizo o cinema como melhor ou maior expressão cultural do que o funk, do que outras artes igualmente importantes. Cada uma tem seu papel histórico e cada uma vive o seu próprio tempo.

Hoje em dia é tudo muito pelo audiovisual. Pelo WhatsApp, que até tem a escrita, mas a preponderância é do visual. É o que o teórico que eu to lendo agora, o Lipovetsky, fala. A gente vive a era da tela global, e o cinema é uma arquitetura disso. É a primeira a arte audiovisual, a primeira manifestação, que depois se desenvolveu na televisão, na internet, nos *streamings*, então talvez o cinema seja essa âncora nesse mundo contemporâneo em que a gente tem múltiplas telas.

E sobre o filme Bacurau, especificamente, diante do nosso cenário atual político-social, qual você considera que é a importância do filme?

Bacurau veio num momento muito certo. Ele se encaixa muito nesse espírito do tempo, no momento do Brasil em que a gente tá vivendo; ele não poderia ser lançado em momento mais oportuno. Eu acho que ele tem um papel de alegoria do Brasil, é o que a gente não faz.

A gente não tá lutando pela sobrevivência, mas no filme sim. Uma das críticas que o filme recebeu foi de não ser revolucionário. Talvez a maior luta seja a do dia-a-dia. Pergunta pro cara que mora na favela se ele não luta pela sobrevivência? Ele só luta por esse motivo, e isso não tem uma importância política?

Aí sim, o filme tem uma importância política, e não tem problema. Nós somos corpos políticos o tempo todo. *Se Eu Fosse Você* é político, *Minha Mãe é uma Peça* é político, *Bruna Surfistinha* é político. A gente tem uma dimensão que Bacurau é ficção, mas ele chama a gente pra realidade. Ele cita vários nomes de pessoas que foram mortas exatamente por causa desse massacre que tá sendo o Brasil.

Então ele é uma alegoria do Brasil; eles escolhem sobreviver enquanto a gente tá sendo massacrado. O brasileiro não tá conseguindo

lutar pela sobrevivência, a gente tá muito apático. Então era o que a gente precisava – é o que a gente não tá fazendo, mas deveria. Eu não considero o filme feliz, eu acho que é um filme muito duro, inclusive.

Exato, e ser um filme duro não torna ele menos necessário.

De forma alguma. É um dos grandes filmes brasileiros, vai ficar para a nossa historiografia. Daqui a 100 anos, minha filha, minha neta, vão entender a importância do que foi esse filme pro momento político e pro cinema brasileiro. É um filme cheio de referências, cheio de dimensões éticas e estéticas das imagens.

O filme tem uma dimensão muito violenta e muita gente viu e achou aquilo divertido e engraçado, mas não é. É uma violência muito triste. Na sessão no [Cinema] Odeon com o Kleber [Mendonça Filho], ele falou que é uma violência necessária, mas horrível. Esses moradores que têm que lidar com isso em Bacurau, eles não matam por querer. É muito isso de “a gente não fez uma revolução aqui, mas pelo menos na tela a gente conseguiu alguma coisa”.

Sobre a ideia da revolução do dia-a-dia e o audiovisual estar muito presente em vários veículos (o WhatsApp, a televisão), coisas que são mais diárias do que cinema, existe alguma relação entre elas?

Eu acho que, por causa dessas telas, a gente tá aprisionado para essa revolução. É um pouco difícil criticar, por que cada um tem uma possibilidade de luta, mas as telas, na verdade, têm um potencial de imobilizar a gente. O post no facebook parece suficiente. As pessoas acham que o post basta, não precisam mais ir pra rua. E essa é uma crítica geral.

E quando o Kleber coloca isso, é revolucionário porque movimentou tantos jovens. Eu não lembro de nenhum filme brasileiro que tenha feito essa mobilização dos jovens. É claro que é um jovem numa bolha; universitário, talvez com um viés mais de esquerda, mas o que houve em torno de Bacurau foi um fenômeno.

Eu nunca vi isso, desenhos de fãs, memes, figurinhas. E nunca tinha visto isso: fizeram com Bacurau o que fizeram com filmes da Marvel, esses filmes que as pessoas vão ver fantasiadas. Uma amiga minha falou: “Lia, eu vou me fantasiar de Lunga no Carnaval”.

Tem uma mobilização enorme, mas claro que numa bolha. Bacurau fez 500.000 espectadores. É um filme triste, mas talvez algum jovem tenha se sentido vingado. Aquilo é na tela, a morte não é o que eles pregam, mas é a sobrevivência do povo de Bacurau. O pobre que tá sendo morto todo dia na favela: qual é a capacidade dele de fazer uma revolução?

E nesse sentido a hipercomunicação que a gente tem pode ajudar. Pessoas de círculos sociais diferentes não têm nem noção de como é a vida de quem luta todos os dias...

As telas não são só boas ou ruins, né? Obviamente, a mídia alternativa foi fundamental, mas ao mesmo tempo a gente acaba tendo que conviver com as fake news. A gente tá vendo coisas que talvez a gente não conseguisse antes, estamos tendo informações que talvez antes a gente não tivesse.

Então assim, é o que eu falo em sala de aula, o meio nunca é bom ou mau, mas ele é o uso que a gente faz dele. Acho que as multi-telas podem ser uma potência, mas também ter um viés muito negativo; de construções de mundos que não existem, que são autoritários, que são

totalitários. Se existe uma mídia alternativa mais democrática, existe uma outra que também é da ultra-direita, contra todas as minorias.

Como a linguagem e o uso podem influenciar o cinema?

A gente teve uma discussão em sala sobre um filme que nem estreou ainda (*risos*), de um cara de Capão Redondo, na periferia de São Paulo. E ele queria fazer um filme mas ele logicamente não tinha recursos. O que que ele fez: ele pegou vários chips de vários celulares que tinham sido roubados dentro da comunidade, não por ele, e filmou o dia-a-dia dele na favela.

Tem a questão ética, dos celulares e das pessoas filmadas, mas como ele conseguiria fazer outra coisa? O que ele ia mostrar? Esse potencial de fazer essa filmagem é muito mais democrático agora. É muito mais fácil pegar um celular e fazer um filme do que usar uma câmera profissional.

O cara que nunca teve acesso e a possibilidade de usar a linguagem dele pra fazer um filme agora teve. Teve uma forma diferente, mas isso não é uma forma de revolução pra ele?

Tanto de usar a linguagem dele como de mostrar isso pras pessoas, coisas que a gente nunca saberia...

Exatamente! O genial de Bacurau é que ele não tem um herói. O Lunga aparece lá pro meio do filme, mas o longa não tem um personagem principal. O personagem principal é a cidade. O Kleber faz umas coisas de linguagem muito fudas, porque ele traz o *western*, mas quem chega na cidade é uma mulher; o Lunga é travestido, então você tem várias inversões que são sensacionais.

Qual é a diferença de ter uma cidade, e não um herói, como personagem principal?

Essa é a minha impressão, tá (*risos*)? Eu acho assim, nós não temos um salvador. Somos nós mesmos. Se a gente não levantar e lutar, não adianta. Não tem um só herói e não tem ninguém vai conseguir fazer isso pra gente.

Mas assim, o importante é o coletivo. A gente tem a necessidade de ter um herói. É até meio comunista nesse sentido (*risos*), mas a gente só consegue ver a solução com um protagonismo coletivo, sem ficar esperando: tem que fazer agora.



E Bacurau é muito legal por isso. Quando o Lunga chega, a cidade não para e coloca tudo nas mãos dele, ninguém para de lutar. Até porque o cangaço é isso. Você pode ter alguém pra te representar, alguém que lidere e te identifique, mas o trabalho vai ser sempre em conjunto.

E você tem algum palpite de por que o filme conseguiu mobilizar e agregar tanta gente?

Acho que tem vários elementos. Primeiro, todo mundo queria saber qual era o novo filme do Kleber (*risos*) e do Juliano. Junto a isso, ele traz referências cinematográficas que não muito estruturadas na historiografia do cinema clássico. O *western*, o *sci-fi*, a cultura pop. E tem essa coisa de ser um filme de ação, além de trazer um lugar novo. Ele trabalha com cangaço! É um filme de gênero muito brasileiro.

Exato. O filme tem uma raiz muito brasileira e um propósito muito brasileiro.

Sim! Ele mistura vários elementos pra fazer o filme muito nosso, apesar de ser um *western*. O filme tem sotaque nordestino, que é uma



marca muito brasileira. Eu acho isso tudo muito maravilhoso, ele é um filme com muitas camadas.

Cada um deve entender o filme de uma maneira, a gente pode discutir mil anos e não vai acabar. Ele tem a dimensão política direta, mas também várias dimensões de referências cinematográficas, do lugar da mulher, de questões de saúde pública... São vários elementos que perpassam o filme.

E quando você fala em mudar a ética e estética da imagem, o que isso quer dizer?

Da ética é o seguinte: como que você filma o excluído? O excluído se filmando, filmando o outro, seu par, é completamente diferente. Ele não vai estereotipar a própria vivência, ele tem um olhar ali de dentro. Além disso, ele tem um olhar novo, que é uma novidade pro cinema, muito por causa das políticas públicas do PT, que abriram editais públicos, e etc.

E aí eu acho que é importante porque não é o branco rico filmando o favelado. É o próprio cara da favela se filmando, é o próprio nordestino se filmando, então é uma outra ética.

Também é uma outra questão estética porque não é um cenário idealizado. Não é feito por quem vê de fora, é quem tá ali no dia-a-dia e retrata de uma forma muito própria muito própria.

Eu acho que isso muda, inclusive, como que nós, privilegiados, vamos filmar a partir de agora. O branco rico não pode mais filmar de qualquer forma. Há uma mudança geral nesse sentido, de como o brasileiro faz filme. A partir de que ponto de vista? Eu tenho direito de fazer qualquer coisa? Nós somos corpos políticos, então a gente tem que pensar nessa imagem e nessa produção.

Lia Bahia
Professora e pesquisadora da ESPM e da
Universidade Federal Fluminense (UFF)